



A Charrette de M. Juniet — Henri Rousseau, o "Douanier"

Na floração de arte com que o Século XX procura ampliar as formas de expressão plástica partindo das fontes mais puras da criação, a obra de Rousseau se destaca pelo tom lírico, pelo canto singelo que se desprende de suas cores e dos seus temas. O seu autêntico primitivismo, que exclui qualquer conteúdo literário ou qualquer atitude, não se exime de uma sapiência formal e colorística nascida da sua legítima inocência diante do vário panorama da Natureza. O sentido da pintura de Rousseau encontra um "pendant" verdadeiro na pintura do brasileiro José Antonio da Silva, nascido em S. Paulo, sob o mesmo signo da poesia plástica. Sobre o nosso pintor fala-nos nesta página o cronista Rubem Braga. E na seção sobre São Paulo reproduzimos um dos seus sugestivos trabalhos

JA' escrevi sobre José Antonio da Silva, que até dois anos atrás era apenas um sujeito chamado José Antonio da Silva, de cor branca, casado, com cinco filhos menores, porteiro de um hotel na cidade de Rio Preto, no interior de S. Paulo. Ordenado: 235 cruzeiros; aluguel de casa, 150 cruzeiros. Histórico: filho de um carreiro, criado na roça, seis meses de escola primária, foi para a cidade depois de casado.

Um dia ele foi a uma igreja e viu umas coisas pintadas. Perguntou se aquilo era feito por máquina ou por homem. Disseram que era feito por homem. Então achou que nesse caso ele também poderia fazer. Comprou umas latinhas de tinta, dessas de pintar portas, arrumou um pedaço de flanela, e fez seu primeiro

quadro. Não pintou a portaria do hotel nem uma rua de Rio Preto. Pintou uma cena de sua infância já longe; três homens colocando uma tora em cima de um carro de bois. Custou. Pintou outros quadros...

Tem um desenho ingênuo mas expressivo, um instinto de composição perfeitamente raro e um senso de cores surpreendente. Seus quadros, quando não são de assuntos bíblicos, são paisagens e cenas da roça. Dois podem ser vistos na parte de pintura paulista da exposição da Sul América Terrestres. Em começo de junho o "marchand" Fioca fará, no

Ministério da Educação, uma exposição com uns 200 quadros paulistas; 60 são do Silva. Esse mesmo e excelente Fioca, da "Galeria Domus", de S. Paulo, fez sua primeira exposição, em que vendeu todos os quadros. Silva comprou e está pagando a casinha em que mora, tem boas telas e boas tintas, mas sua pintura é a mesma.

"Pinto para me agradar e me curar das mágoas passadas... eu pinto por distraimento e por umas recordações do meu tempo de criança..." Eis confissões de Silva. Em São Paulo levaram-no a casas de pessoas importantes e

depois a Santos, para ver o mar. Com suas calças brancas de caipira, ele se portou dignamente, com essa estranha boa educação da gente do interior. Em uma enorme sede de expressão (depois de milhares de noites brancas de vigia noturno do hotel...) o Silva não somente pinta como também escreve em prosa e verso.

Prosa:

"S. Paulo, 27-5-1948. Cheguei na capital de São Paulo e fiquei completamente embibido por ver tantos monumentos e tantos perigos. Notei logo a grande diferença do do interior. A calma o socego e a paz e a tranqüilidade aqui

na capital é completamente o contrário. Farta de calma, agitação perigo correria. Vi também no Bonde coisas muito o contrário do interior e do tempo antigo de quando inzistio os meus avós. Moças no meio dos homens empé dentro do Bonde, espremido como sardinha na lata, trocando respirações um com outros. Si meus avós no tempo delles acistice uma sena desta maneira se enloquecia no pé da letra. creio que a grande deferença entre o tempo antigo com agora é o seguinte O café é preto e leite é Branco".

Poesia:

"Parti de S. José do Rio Preto no dia 12 do corrente — Vim pella estrada de ferro viajando perfeitamente — Apiei na estação da luz ai meu deus que tanta gente.

(Conclui na 12a. pág.)

O PINTOR SILVA

RUBEM BRAGA